



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

A VIDA (RESUMIDA) DE APOLÔNIO DE TIANA
O CÓDICE 44 DA *BIBLIOTECA* DE FÓCIO

Bárbara Perez

Rio de Janeiro

2023

BÁRBARA PEREZ

A VIDA (RESUMIDA) DE APOLÔNIO DE TIANA

O CÓDICE 44 DA *BIBLIOTECA* DE FÓCIO

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do título
de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Grego.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Ribeiro Martins

Rio de Janeiro

2023

Perez, Bárbara.

A vida (resumida) de Apolônio de Tiana: o códice 44 da *Biblioteca* de Fócio / Bárbara Perez. – 2023.

27 f.

Orientador: Pedro Ribeiro Martins.

Monografia (graduação em Letras habilitação Português – Grego) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Letras e Artes, Faculdade de Letras.

Bibliografia: f. 26-27.

1. Fócio. 2. *Vita Apollonii*. I - Perez / Bárbara. II - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2023. III - Título.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
O PROJETO FÓCIO.....	5
<i>VITA APOLONII</i>	8
1. TRADUÇÃO DO CÓDICE 44	10
2. COMENTÁRIO.....	15
CONCLUSÃO.....	27
REFERÊNCIAS.....	28
FONTES PRIMÁRIAS.....	28
REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS.....	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é uma tradução comentada do códice 44 da *Biblioteca* de Fócio referente ao livro *Vida de Apolônio de Tiana*¹ de Filóstrato. O principal objetivo é fornecer uma tradução direta do grego para o português do texto, mas também tem como objetivos secundários refletir sobre como a resenha de Fócio retrata a obra abordada. Sendo assim, o comentário à tradução discorre sobre alguns temas relevantes para a compreensão não só do códice fociano, mas também da biografia filostratiana – em especial no que diz respeito a magia, filosofia e modo de vida pitagórico.

O PROJETO FÓCIO

Esta monografia surge como resultado de trabalho realizado no âmbito do Projeto Fócio. Esse projeto de pesquisa surgiu inicialmente a partir de um projeto de extensão, o Núcleo de Documentação em Letras Clássicas (NDLC). O NDLC, capitaneado pelo prof. Fábio Frohwein, inicialmente se dedicava a auxiliar bibliotecários na catalogação de obras em latim. No entanto, a partir de 2019, com o apoio dos professores Pedro Martins, Rainer Guggenberger e Ticiano Lacerda, o projeto passou a também abarcar as obras em grego antigo, mais especificamente as obras que compõem o acervo da Divisão de Obras Raras da Fundação Biblioteca Nacional (FBN).

Faço parte da equipe de grego do NDLC desde que ela surgiu e, durante a pandemia de Covid-19, impossibilitados de irmos à FBN, desenvolvemos uma metodologia para continuar o trabalho remotamente. Assim, encontramos cópias digitalizadas de obras que sabíamos estarem no acervo da FBN e a partir delas prosseguimos com a catalogação. Foi nesse contexto que, em 2021, produzi um relatório de apoio à catalogação da edição de 1653 da *Biblioteca* de Fócio.

Fócio teria vivido entre 810 e 893 e, segundo Wilson, ele é “o homem que deve mais provavelmente ser reconhecido como a mais importante figura na história dos estudos clássicos em Bizâncio²” (1996, p. 89). De fato, a importância de Fócio para os estudos

¹ Seguimos neste trabalho a lista de abreviações proposta pelo *Oxford Classical Dictionary*, abreviando a obra de Filóstrato (Philostr.) aqui analisada como VA, *Vita Apolonii*. Para a presente dissertação, utilizou-se, como fonte principal, a edição bilíngue da VA editada e traduzida para inglês por Christopher P. Jones (2005).

² Tradução minha. “the man who must probably be reckoned the most important figure in the history of classical studies in Byzantium”.

bizantinos é imensa e “para os historiadores da igreja, ele é famoso como o homem que alargou o abismo entre as igrejas grega e romana³” (*Ibid.*, p. 89).

Ainda segundo Wilson, Fócio teria começado sua vida pública em torno de 855 quando foi nomeado para servir na embaixada árabe, não podendo deixar de lado o fato de que era sobrinho de Tarásio, antigo patriarca de Constantinopla. Em 858, sob o reinado de Miguel III, Fócio foi escolhido como patriarca de Constantinopla por Bardas, tio do imperador, em substituição a Inácio I, que havia negado comunhão a Bardas alegando que o tio de Miguel havia cometido incesto (TREADGOLD, 1997, p. 451).

A partir de então se inicia o Cisma de Fócio. A nomeação de Fócio foi apontada pelos seus opositores como irregular e, embora ela tenha sido reconhecida pelo Concílio de 861, o papa Nicolau I compreendeu que Bardas e Michael haviam se excedido e a questão ficou em aberto (*Ibid.*, p. 451). Em 863 o papa declarou inválida a consagração de Fócio, que então enviou uma expedição à Moravia que se tornou um campo de batalha entre as igrejas ocidental e oriental (p. 452). O cisma com o papado continuou quando Fócio se negou a designar um patriarca diferente para a Bulgária, que então se aliou a Roma. (p. 453). Os missionários da Morávia, enviados por Fócio, se aliaram ao papa de Roma e em 867 Fócio comandou um concílio que excomungou o papa Nicolau I sob acusação de que as práticas das igrejas ocidentais eram heréticas (p. 454).

Segundo Dvornik, esse foi o maior erro de Fócio, pois

Ele precipitou a mudança de política de Basílio quanto a extremistas e o papa, ao passo que fortaleceu a posição do partido anti-bizantino em Roma em um momento em que ele estava perdendo influência após a morte de Nicolau. Ele não só contribuiu para a queda de Fócio, mas alargou a distância entre Leste e Oeste⁴. (DVORNIK, 1970, p. 433)

De fato, o Cisma de Fócio é considerado fundamental para se entender a separação entre as igrejas ocidental e oriental. Após esse episódio, Fócio foi deposto como patriarca, voltando a exercer o cargo posteriormente entre 876 e 886. É nesse contexto político e teológico intenso que Wilson afirma que Fócio “pode ser presumido como tendo lido mais

³ “To church historians he is famous as the man who widened the gulf between the Greek and Roman churches”.

⁴ Tradução minha. “It precipitated Basil’s change of policy towards Extremists and the Pope, whilst it strengthened the position of the anti-Byzantine party in Rome at a moment when it was losing its influence after the death of Nicholas. It not only contributed to Phothius’ downfall, but widened the gap between East and West”.

livros de literatura antiga do que qualquer um foi capaz até hoje⁵” (1996, p. 93). Surge aqui, portanto, um dado interessante: Fócio não foi apenas um articulador político ou um importante membro do clero, mas um grande erudito cuja obra escrita é fundamental para os estudos não só bizantinos, mas também de Antiguidade.

Wilson também afirma que “a fama literária de Fócio depende da *Biblioteca*⁶” (*Op. cit.*, p. 93). A obra consiste em 280 códices – resenhas de livros lidos por Fócio. Sobre esse gênero, Wilson afirma que “Fócio é, com efeito, o inventor da resenha literária” e ainda que “a *Biblioteca* é talvez o trabalho mais importante no todo da literatura bizantina⁷”, pois traz resenhas de obras clássicas, tardo-antigas e bizantinas e, especialmente, traz resumos de livros que se perderam ao longo do tempo, sendo, em alguns casos, a única fonte que nos restou de diversas obras (*Ibid.*, p. 93).

O livro foi composto ao longo do século IX, período em que Fócio viveu, e, segundo Gatti,

serviria, em última instância, às duas funções mais básicas que se podem supor: dar a conhecer os textos resumidos a quem não poderia acessá-los integralmente, e fornecer diferentes saberes numa mesma fonte, i.e., reunir informação diversa, preservando para um leitor que não tivesse acesso a essa informação, à medida do possível, o mais relevante dos originais. (2012, p. 10)

Sendo assim, diante dessa obra fundamental para os estudos clássicos e bizantinos, surgiu o Projeto Fócio, comandado pelos professores Pedro Martins, Simone Bondarczuk, Ticiano Lacerda e Marcos Caldas. O projeto se propõe a traduzir os 280 códices da *Biblioteca* para português, tendo em vista que a obra não possui tradução para a nossa língua, e conta com o apoio dos professores Nunzio Bianchi e Luciano Canfora, da Universidade de Bari, na Itália, que produziram, em 2019, uma excelente tradução da *Biblioteca* para italiano, além de terem estabelecido um novo texto crítico grego.

No entanto, o objetivo do projeto não é apenas traduzir os códices, mas também estudá-los. Sendo assim, dividimos os códices pelos membros do projeto de acordo com seus interesses. Nessa divisão, fiquei com os códices referentes a Apolônio de Tiana, ascese e

⁵ “he must be presumed to have read more ancient literature than anyone has been able to since his day”.

⁶ “Photius’ literary fame depends on the *Bibliotheca*”

⁷ “Photius is in effect the inventor of the bookreview. (...) The *Bibliotheca* is perhaps the most important work in the whole of Byzantine literature”.

magia. Até o momento, pude traduzir apenas um deles, o códice 44, que apresento nesta monografia.

VITA APOLONII

Em minha dissertação de mestrado, defendida em fevereiro deste ano pelo Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas da UFRJ (PPGLC-UFRJ) e também orientada pelo prof. Pedro Martins, escrevi sobre o último livro da obra biográfica *Vida de Apolônio de Tiana* (VA), enfocando de maneira especial a abstinência de carne, praticada pelo personagem principal do livro, como uma prática ascética de inspiração pitagórica. Por isso, iniciei minhas traduções da *Biblioteca* de Fócio pelo códice 44, que também trata dessa obra.

Antes, no entanto, de falar sobre a VA, cabem algumas observações iniciais sobre o biógrafo e o biografado. Flávio Filóstrato, ateniense, viveu entre 170 e 250 d.C. e era um intelectual e biógrafo muito ligado à imperatriz Julia Domna. Suas obras mais famosas são a própria VA e a VS – *Vida dos Sofistas*. Quanto a Apolônio de Tiana, ele teria vivido no século I d.C. e sua vida é objeto de grandes especulações. Conhecido como mago e filósofo, era seguidor dos ensinamentos de Pitágoras, viajou por grande parte do Império Romano e também fora dele e lhe são atribuídos diversos feitos fantásticos.

A *Vida de Apolônio de Tiana* é uma biografia⁸ escrita no século III acerca de um homem que teria vivido no século I d.C. Vale, portanto, ressaltar que Filóstrato escreve um relato altamente ficcionalizado a respeito da figura de Apolônio de Tiana, de forma que o homem por ele retratado é seu personagem e não a figura histórica em si. Além disso, a VA foi encomendada a Filóstrato pela imperatriz Julia Domna, mãe do imperador Caracala. Segundo Filóstrato (VA, 1.2.3-1.3.2), as informações sobre Apolônio nas quais ele se baseou para a composição de sua biografia vieram de diferentes fontes, como as cidades que lhe eram devotas, os templos nos quais Apolônio teria trabalhado, os relatos de diversas pessoas sobre ele, suas próprias cartas para figuras como reis, sofistas e filósofos e, especialmente, Filóstrato teria se baseado nos escritos de um Damis de Ninos. Sobre isso:

καὶ προσήκων τις τῷ Δάμιδι τὰς δέλτους τῶν ὑπομνημάτων τούτων οὕτω
γινωσκομένης ἐς γνῶσιν ἤγαγεν Ἰουλίᾳ τῇ βασιλίδι. μετέχοντι δέ μοι τοῦ περὶ

⁸ Para uma análise do gênero biográfico na VA, cf. PEREZ, Bárbara. **Vegetarianismo como ascese no Livro VIII de A Vida de Apolônio de Tiana**. 2023.

αὐτὴν κύκλου, καὶ γὰρ τοὺς ῥητορικοὺς πάντας λόγους ἐπὶναι καὶ ἡσπάζετο, μεταγράψαι τε προσέταξε τὰς διατριβὰς ταύτας καὶ τῆς ἀπαγγελίας αὐτῶν ἐπιμεληθῆναι, τῷ γὰρ Νινίῳ σαφῶς μὲν, οὐ μὴν δεξιῶς γε ἀπηγγέλλετο.

E um parente do Damis trouxe as tabuletas das anotações que ainda não haviam sido conhecidas para a investigação da imperatriz Julia. E como eu participava do círculo dela, pois ela também louvava e acolhia com alegria todos os discursos retóricos, tanto ela me encarregou de transcrever esses trabalhos, quanto de cuidar do relato deles, pois o nínio relatava com clareza, mas sem muita habilidade. (Philostr., VA, 1.3.1)⁹

Segundo Semíramis Corsi Silva, “uma das principais formas de atuação da imperatriz [Júlia Domna] foi enquanto patrona de intelectuais” (2018, p. 42) e Filóstrato era um dos intelectuais apoiados por ela. Essa observação é importante, pois o texto da VA é redigido a fim de agradar um membro da elite romana que apreciava a leitura e a figura de Apolônio, e não por iniciativa própria de um biógrafo que desejasse apenas pesquisar a vida de um homem e apresentá-la da maneira mais isenta possível.

A VA se divide em oito livros e um anexo de cartas. Ao longo do texto, Filóstrato relata as aventuras e viagens de Apolônio de Tiana, ressaltando seu modo de vida pitagórico e sua articulação política. Ao final da obra, no Livro VIII, Apolônio é julgado pelo imperador Domiciano sendo acusado de magia. O personagem de Filóstrato é inocentado após defender seu modo de vida como filosofia e não magia e então desaparece do tribunal.

Há três menções à VA na *Biblioteca*: os códices 39, 44 e o 241. O primeiro trata de uma refutação à defesa de Apolônio apresentada após o seu julgamento. O segundo, aqui traduzido, trata-se de um curto resumo de 2 páginas, ao passo em que o segundo representa uma resenha muito maior, totalizando 31 páginas. Apresento aqui a minha tradução do códice 44 seguida de alguns comentários.

⁹ Todas as traduções da VA para português presentes neste trabalho foram feitas por mim e podem ser encontradas na minha dissertação de mestrado. cf. PEREZ, Bárbara. **Vegetarianismo como ascese no Livro VIII de A Vida de Apolônio de Tiana**. 2023. As vezes em que as citações da VA vierem acompanhadas de tradução para inglês, elas seguem a edição de 2006 de Jones.

Página em branco

1. TRADUÇÃO DO CÓDICE 44

Ἀνεγνώσθη Φιλοστράτου Τυρίου εἰς τὸν Ἀπολλωνίου τοῦ Τυανέως βίον λόγοι ὀκτώ. Ἔστι δὲ τὴν φράσιν σαφής, ἐπίχαρίς τε καὶ ἀφοριστικὸς καὶ βρύων γλυκύτητος, καὶ τῷ ἀρχαϊσμῷ καὶ ταῖς καινοπρεπεστέραις τῶν συντάξεων ἐμφιλοτιμούμενος. Ἱστορεῖ δὲ τὸν Ἀπολλώνιον πρὸς τε Ἰνδοὺς, οὓς καλεῖ καὶ Βραχμᾶνας, ἀπιέναι, ἐξ ὧν καὶ πλεῖστα τῆς παρ' αὐτοῖς θεοσοφίας ἐκμαθεῖν, καὶ πρὸς τοὺς τῶν Αἰθιοπῶν σοφούς, οὓς καὶ γυμνοὺς ὀνομάζει, ὅτι γυμνοὶ τὸν βίον ὅλον διάγουσι, μὴδὲ τοῦ ἀέρος διοχλοῦντος αὐτοὺς εἰς περιβολὴν ἐλθεῖν. Πολλῷ δὲ φησι τοὺς Ἰνδῶν τῶν ἐν τῇ Αἰθιοπία σοφῶν προέχειν, ὅτι τέ φησι πρὸς ἀκτῖνα οἰκοῦντες ἡλίου μᾶλλον εἰσι τὴν διάνοιαν ὀξεῖς καὶ καθαροί, καὶ ὅτι καὶ χρόνῳ προήκοντες. Τῷ μέντοι Ἀπολλωνίῳ οὐδὲν ὅλως φησι τελεσθῆναι οἷα ὁ μυθώδης αὐτῷ χαρίζεται λόγος· φιλόσοφον δὲ τινα καὶ ἐγκρατὴ βίον ἀποσεμνύνειν αὐτὸν βιοῦντα, ἅτε καὶ Πυθαγορικὴν ἐπιδεικνύμενον φιλοσοφίαν ἐν τε ἡθεσι καὶ ἐν δόγμασι. Τὸν δὲ θάνατον αὐτοῦ ἁδηλὸν τε καὶ πολλοῖς διαφωνοῦμενον λέγει γενέσθαι, αὐτοῦ ἐκείνου τοῦτο σπουδάσαντος· καὶ γὰρ καὶ ζῶντα ἐπιλέγειν ὡς δεῖ τὸν σοφὸν τοὺς πολλοὺς λαθόντα βιῶναι, εἰ δὲ μή, κἂν γοῦν ἀποβιῶναι λαθόντα· τάφον δὲ αὐτοῦ μηδαμοῦ γῆς φησιν [10a] ἐγνῶσθαι. Λέγει δὲ αὐτὸν μάλιστα χρημάτων κρείττω γενέσθαι, ὡς καὶ τὴν κτῆσιν αὐτοῦ τῷ τε ἰδίῳ ἀδελφῷ καὶ ἑτέροις καταλιπεῖν καὶ παρὰ μηδενὸς τῶν ὑπ' ἐξουσίαις, καίτοι πολλὰ ἀξιούντων, πεισθῆναι λαβεῖν χρήματα. Φησὶν αὐτὸν τὸν ἐν Ἐφέσῳ λοιμὸν καὶ προΐδεῖν καὶ γεγονότα παῦσαι. Καὶ λέοντα δὲ ἰδεῖν, καὶ εἰπεῖν ὡς ἡ τοῦ Ἀμάσιδος τοῦ Αἰγυπτίων βασιλέως ψυχὴ ἐν τῷ θηρίῳ εἴη, ὑπέχουσα δίκην τῶν βεβιωμένων· καὶ Ἐμπουσαν ἐλέγξει ἐν ὑποκρίσει ἐταίρας ἐρᾶν Μενίππου προσποιουμένην· καὶ κόρην ἐν Ῥώμῃ ἄρτι τεθνάναι δοκοῦσαν ἐπαναστρέψαι τῷ βίῳ· καὶ λῦσαι τὸ σκέλος ἐν τῷ δεσμοτηρίῳ ὄντα δεδεμένον· καὶ ἀπολογήσασθαι μὲν πρὸς Δομιτιανὸν ὑπὲρ τε αὐτοῦ καὶ Νερούα, ὃς μετὰ Δομιτιανὸν Ῥωμαίων ἐβασίλευσεν, ἀφανισθῆναι δὲ μετὰ τὴν ἀπολογίαν τοῦ δικαστηρίου καὶ πρὸς Δημήτριον καὶ Δάμιν, οὕτω καὶ συνθέμενον αὐτοῖς, παραγενέσθαι, οὐ διὰ χρόνου, παραυτίκα δέ, καίτοι ὁδὸν ἡμερῶν τινῶν διεστηκότας. Ταῦτα μὲν περὶ αὐτοῦ ἀναπλάττει, οὐ μέντοι γε ὡς εἴη τελεστής, εἴ τινα διετελέσατο τῶν ἐνίοις διαθρυλλουμένων ὑπ' αὐτοῦ πεποιῆσθαι τελεσμάτων· φιλοσοφία δὲ καὶ βίου καθαρότητι, καὶ ἅπερ αὐτὸς ἔφησεν, ἐκεῖνον εἰσάγει διαπεπράχθαι· ἀπεχθάνεσθαι δὲ μᾶλλον μάγοις καὶ φαρμακοῖς, μὴ ὅτι γε αὐτὸν τῇ μάγῳ προσανακεῖσθαι τέχνῃ.

Lido:ⁱ de Filóstrato de Tiroⁱⁱ, sobre a vida de Apolônio de Tiana em oito livros. Em relação ao estilo, é claro, gracioso e também aforístico e coberto de suavidade, se comprazendo tanto com o arcaísmo quanto com as sintaxes mais originais. E conta que Apolônio foi até os indianos, os quais também chama de Brâmanes, com quem aprendeu muitíssimo sobre as coisas divinas entre eles, assim como foi até os sábios etíopes, os quais também chama de nus, porque vivem a vida inteira nus e, nem mesmo quando o clima se altera, buscam se vestir. E diz que os indianos superaram em muitos aspectos os sábios da Etiópia, tanto porque, por habitarem próximos ao entorno do sol, são, em relação ao pensamento, mais perspicazes e puros, quanto porque também os precedem em antiguidade. Diz que absolutamente nada de Apolônio foi executado da forma como o discurso mítico lhe atribui, mas o exalta como filósofo e por ter vivido uma vida com domínio de si, assim como por ter demonstrado a filosofia pitagórica tanto nos costumes, quanto nos ensinamentos. E diz que a morte dele foi obscura e também que muitos divergem (sobre ela), pois ele mesmo se esforçou por isso; e que de fato também escolheu viver como o sábio necessita, estando oculto para muitos enquanto vive, do contrário, igualmente neste caso, permanecendo oculto quando deixa de viverⁱⁱⁱ; E diz que o túmulo dele não é conhecido em lugar nenhum [10a] da terra. E diz que ele era superior às maiores riquezas, de modo a deixar o seu patrimônio tanto ao seu próprio irmão, quanto a outros, e que por nenhum dos poderosos, embora merecesse muito, foi convencido a receber dinheiro.^{iv} Diz que ele também previu a praga em Éfeso e fez cessar o acontecimento^v. E também que viu um leão e disse que a alma de Âmasis, o rei do Egito, estaria na fera, prestando contas de sua vida^{vi}; e que acusou Empusa de, no papel de uma hetera, estar fingindo que amava Menipo^{vii}; e que trouxe de volta à vida uma menina em Roma que parecia ter morrido há pouco tempo^{viii}; e que soltou a perna do calabouço em que foi aprisionado^{ix}; e que, ao passo que defendeu frente a Domiciano tanto a si mesmo quanto a Nerva - que após Domiciano reinou em Roma -, também desapareceu do tribunal após a defesa^x e foi para junto de Demétrio e Damis, assim também em acordo com eles, não ao longo de um tempo, mas imediatamente, embora um caminho de alguns dias os separasse. De fato [Filóstrato] inventa essas coisas sobre ele, embora certamente não porque [Apolônio] seria um iniciador aos mistérios^{xi} - se é que levou a termo^{xii} algum dos ritos^{xiii} sobre os quais entre alguns se espalham rumores de que teriam sido praticados por ele -, mas o representa como resultado, e assim ele diz, de filosofia e pureza de vida; e (o representa) odiando sobretudo magos e envenenadores^{xiv}, de maneira nenhuma se dedicando ele mesmo ao ofício de mago.

Περὶ δὲ τῶν Ἰνδῶν οὗτος τὰ πάντα παραλογώτατα καὶ ἀπιστότατα διαρραψοδεῖ· πίθους γὰρ αὐτοῖς πλήρεις ὄμβρων καὶ ἀνέμων δοὺς ὕειν τὴν χώραν ἀνομβρίας ἐπεχούσης ἐξικμάζειν τε αὖ καταρρηγνυμένων ὄμβρων ταῖς ἐκ πίθων ἀνὰ μέρος χορηγίαις κυρίου ἐκάθισε, παραπλήσια τούτοις ἀνοίας μεστὰ καὶ ἕτερα πλεῖστα τερατευσάμενος. Ἐν ὁκτῶ δὲ λόγοις ἢ πᾶσα αὐτῷ τῆς ματαιοπονίας κατηνάλωται.

E sobre os indianos ele recita todas as coisas mais absurdas e inacreditáveis: por exemplo, que, por ter dado a eles barris cheios de tempestades e ventos, os fez capazes de molhar de chuva a terra, detendo a seca, e, ao contrário, de secá-la, ao jorrar, turno a turno, as tempestades dos barris para o abastecimento - tendo feito muitos relatos extraordinários quase iguais a este, cheios de ignorância e diversos. E a totalidade de seu trabalho inútil consumiu oito livros.

ⁱ A tradução de ἀνεγνώσθη como “lido:” foi convencionalizada pelo Projeto Fócio, tendo em vista que todos os códices começam com essa palavra. Sobre isso: “Praticamente todos os epítomes de sua *Biblioteca* se iniciam pela forma ἀνεγνώσθη (anegnósthē), que é formular nessa obra e se refere, mais amplamente, não só ao que foi lido, mas ao fato de que se realizou mais uma das sessões (ou série de sessões) de leituras do círculo de letrados em torno do então embaixador Fócio, na qual seu irmão Tarásio não podia estar presente por ter ficado em Constantinopla. Como se sabe pela dedicatória mesma da *Biblioteca* (Bekker, 1824 – 25), essa é a motivação primeira para a escrita da extensa obra: tomar nota dos textos que foram tratados e de diferentes coisas relativas a eles. É pela referida forma verbal, aliás, que se pode identificar quando acaba um resumo e inicia-se outro.” (GATTI, 2012, pp. 18-19).

ⁱⁱ A edição italiana aponta uma provável confusão de Fócio entre Flávio Filóstrato, autor da VA, e Filóstrato de Tiro, lexicógrafo resenhado no códice 150 da *Biblioteca*.

ⁱⁱⁱ cf. Philostr., VA, 8.28.

^{iv} cf. Philostr., VA, 8.7.11.

^v cf. Philostr., VA, 8.5.1.

^{vi} cf. Philostr., VA, 5.42.

^{vii} cf. Philostr., VA, 4.25.

^{viii} cf. Philostr., VA, 4.45.

^{ix} cf. Philostr., VA, 7.38.

^x cf. Philostr., VA, 8.5.3.

^{xi} Embora na tradução francesa de Henry o termo seja traduzido por “fazedor de milagres” e na italiana por “mago”, optou-se aqui pela tradução como “iniciador aos mistérios” por duas razões. A primeira delas por se aproximar mais às definições encontradas para a palavra: no dicionário Bailly, a definição é “aquele que inicia nos mistérios”, no LSJ, “iniciador, sacerdote” e no dicionário etimológico de Chantraine, “sacerdote que inicia nos mistérios”. E em segundo lugar, por trazer à tona o sentido mais corrente ao contexto. Em Clemente de Alexandria, diversas palavras com a mesma raiz são usadas sempre no sentido de “iniciação” ou “iniciados”. Na própria VA, nenhuma palavra com essa raiz é encontrada.

^{xii} Cabe notar a repetição de palavras com a mesma raiz nessa frase: τελεστής, διετέλεσατο e τελεσμάτων. Segundo o dicionário etimológico de Chantraine, todas derivam de τέλος, “fim, realização”. Sendo assim, a tradução de διατελέω por “levar a termo” pretende frisar esse sentido, constituindo uma antítese com a ideia de iniciação contida nos termos τελεστής e τελεσμάτων.

^{xiii} Seguindo a tradução de Rita Codá para o mesmo termo em Clem. Al., *Protr.*, 2.22.1.

^{xiv} Tanto μάγοις quanto φαρμακοῖς podem ser traduzidos como magos. No entanto, a fim de enfatizar a diferença entre os termos que Fócio frisa ao utilizar ambas as palavras, optei por traduzir φαρμακός por seu significado mais específico, ligado a venenos e poções.

2. COMENTÁRIO

Fócio inicia seu resumo acerca da VA atribuindo-a a Filóstrato de Tiro: “Ἀνεγνώσθη Φιλοστράτου Τυρίου εἰς τὸν Ἀπολλωνίου τοῦ Τυανέως βίον λόγοι ὀκτώ / Lido: de Filóstrato de Tiro, sobre a vida de Apolônio de Tiana em oito livros” (Phot. *Bibl.*¹⁰, 44, 9b.20-21). Conforme indicado nas notas à tradução, seguindo a edição italiana, essa parece ter sido uma confusão de Fócio. Há, de fato, pelos menos três menções à autoria de Filóstrato(s) na *Biblioteca*: os códices 44, 150 e 241. O primeiro e o último tratam-se de resumos da VA, escrita por Flávio Filóstrato, de Atenas, ao passo que o códice 150 trata de obra lexicográfica de Filóstrato de Tiro. No entanto, Fócio atribui os textos dos códices 44 e 150 a Filóstrato de Tiro e o do 241 a um Filóstrato indefinido.

Seguindo com a leitura do códice, Fócio avalia o estilo da obra, o que é comum no início de suas resenhas conforme nos lembra Wilson: “a apresentação dos capítulos não é uniforme, mas o padrão usual é o resumo de um texto acompanhado por alguns detalhes biográficos sobre o autor ou uma crítica a ele sob um ponto de vista estilístico¹¹” (1996, p. 93):

Ἔστι δὲ τὴν φράσιν σαφής, ἐπίχαρίς τε καὶ ἀφοριστικὸς καὶ βρύων γλυκύτητος, καὶ τῷ ἀρχαϊσμῷ καὶ ταῖς καινοπρεπεστέραις τῶν συντάξεων ἐμφιλοτιμούμενος.

Em relação ao estilo, é claro, gracioso e também aforístico e coberto de suavidade, se comprazendo tanto com o arcaísmo quanto com as sintaxes mais originais. (Phot. *Bibl.*, 44, 9b.21-24)

A obra, ao menos em seu aspecto formal, parece ter agradado ao patriarca de Constantinopla, que a considera bem escrita, sendo simultaneamente tradicional e também original. A partir desse ponto, estão findas as considerações metalinguísticas e inicia-se uma enumeração dos temas abordados na obra que vai de 9b.25 a 10a.18. Esses temas não aparecem na mesma ordem em que ocorrem na VA, sendo, portanto, interessante notar a ordem em que Fócio os lista. Começamos com a viagem de Apolônio à Índia:

Ἱστορεῖ δὲ τὸν Ἀπολλώνιον πρὸς τε Ἰνδοὺς, οὓς καλεῖ καὶ Βραχυῖνας, ἀπιέναι, ἐξ ὧν καὶ πλεῖστα τῆς παρ’ αὐτοῖς θεοσοφίας ἐκμαθεῖν, καὶ πρὸς τοὺς τῶν Αἰθιοπῶν

¹⁰ Abreviação segundo o *Oxford Classical Dictionary*.

¹¹ “The presentation of the chapters is not uniform, but the usual pattern is a résumé of a text accompanied by a few biographical details about the author or a criticism of him from the stylistic point of view”.

σοφοῦς, οὗς καὶ γυμνοὺς ὀνομάζει, ὅτι γυμνοὶ τὸν βίον ὅλον διάγουσι, μηδὲ τοῦ ἀέρος διοχλοῦντος αὐτοὺς εἰς περιβολὴν ἐλθεῖν.

E conta que Apolônio foi até os indianos, os quais também chama de Brâmanes, com quem aprendeu muitíssimo sobre as coisas divinas entre eles, assim como foi até os sábios etíopes, os quais também chama de nus, porque vivem a vida inteira nus e, nem mesmo quando o clima se altera, buscam se vestir. (Phot. *Bibl.*, 44, 9b.25-30)

Christopher Jones, mais recente tradutor da VA para inglês, ressalta o fato de muitas das viagens de Apolônio se passarem *fora* do Império Romano ao falar sobre o episódio da travessia do rio Eufrates por Apolônio: “o autor está, no entanto, mais interessado na coragem de Apolônio em cruzar para o norte da Mesopotâmia, uma região ‘não ainda sob o controle dos romanos’”¹² (2001, p. 192), reforçando que o que torna essa travessia tão digna de nota não é a sua dificuldade em si, mas o fato de representar um desbravamento do desconhecido mundo além do Império Romano.

Hubert aponta para a entrada da magia em Roma a partir da expansão do Império: “a magia dos gregos e latinos constitui um conjunto coerente a partir do momento em que os latinos entraram na civilização grega e [...] ignoramos quase por completo as formas primitivas e originais da magia na Itália e na Grécia” (*Op. cit.*, p. 35). Nesse contexto, nos aponta João Pedro Mendes que

A afluência a Roma e sua ávida absorção de tudo quanto, nos povos submetidos, despertava a curiosidade e parecia preencher o vazio interior dos donos do mundo, começou verdadeiramente após a segunda guerra púnica. Foram sobretudo os intelectuais e os poetas que se deixaram seduzir e seduziram os outros com as novidades que apontavam para uma espécie de teologia astral, a que o princípio da “simpatia (analogia, na terminologia latina) universal” emprestava foros de abertura cósmica (1993, p. 206-207).

Assim, é num contexto em que “nos primeiros séculos da era cristã, foi marcante a tendência para o misticismo, que beirava o ocultismo de cariz oriental e egípcio” (*Ibid.*, p. 202), que a magia aparece na *Naturalis Historia* de Plínio, o Velho, para quem “sem dúvida a magia surgiu na Pérsia com o Zoroastro”¹³. (Plin., *NH*, 30.3). De maneira semelhante, Mendes começa seu texto afirmando que os magos “eram confundidos com os sacerdotes persas e

¹² Tradução minha: “The author is however more interested in Apollonius’ courage in crossing into northern Mesopotamia, a region ‘not yet under the Romans’”.

¹³ Tradução minha com base na tradução para inglês. “Without doubt magic arose in Persia with Zoroaster”.

medos da religião de Zoroastro” (*Op. cit.*, p. 199), exatamente a quem Plínio atribui as origens mágicas.

Ressalto aqui a relação entre viagens e magia, pois, logo após relatar as viagens de Apolônio, Fócio nos diz que Filóstrato

Τῷ μέντοι Ἀπολλωνίῳ οὐδὲν ὅλως φησὶ τελεσθῆναι οἷα ὁ μυθώδης αὐτῷ χαρίζεται λόγος· φιλόσοφον δέ τινα καὶ ἐγκρατῇ βίον ἀποσεμνύνειν αὐτὸν βιοῦντα, ἅτε καὶ Πυθαγορικὴν ἐπιδεικνύμενον φιλοσοφίαν ἔν τε ἦθεσι καὶ ἐν δόγμασι.

Diz que absolutamente nada de Apolônio foi executado da forma como o discurso mítico lhe atribui, mas o exalta como filósofo e por ter vivido uma vida com domínio de si, assim como por ter demonstrado a filosofia pitagórica tanto nos costumes, quanto nos ensinamentos. (Phot. *Bibl.*, 44, 9b.33-38)

Essa frase é de fato o ponto principal que defendi em minha dissertação de mestrado. Ao mencionar o “discurso mítico” (ὁ μυθώδης λόγος), Fócio refere-se à fama de mago que Apolônio possuía e pela qual teria sido julgado no final da VA. No entanto, Fócio ressalta que o homem de Tiana na narrativa filostratiana não era um mago, mas sim um filósofo. A fim de que esse ponto possa ser esclarecido, sigamos com algumas observações sobre essa intrincada relação entre viagens, magia e filosofia.

Segundo Plínio, o velho, “certamente Pitágoras, Empédocles, Demócrito e Platão foram além-mar para aprendê-la [a magia], indo para o exílio antes que em uma jornada, ensinaram-na abertamente em seu retorno e consideravam-na um de seus mais estimados segredos”¹⁴ (Plin. *NH.*, 30.9). Plínio associa fortemente a filosofia e a magia, e uma razão, ou talvez consequência, disso é justamente a ideia de que esses filósofos teriam aprendido suas práticas em terras estrangeiras. Curiosamente, Filóstrato cita os mesmos filósofos que Plínio:

Ἐμπεδοκλῆς τε γὰρ καὶ Πυθαγόρας αὐτὸς καὶ Δημόκριτος ὁμιλήσαντες μάγοις καὶ πολλὰ δαιμόνια εἰπόντες οὕτω ὑπήχθησαν τῇ τέχνῃ, Πλάτων τε βαδίσας ἐς Αἴγυπτον, καὶ πολλὰ τῶν ἐκεῖ προφητῶν τε καὶ ἱερέων ἐγκαταμίξας τοῖς ἑαυτοῦ λόγοις, καὶ καθάπερ ζωγράφος ἐσκιαγραφημένοις ἐπιβαλὼν χρώματα, οὕτω μαγεύειν ἔδοξε, καίτοι πλεῖστα ἀνθρώπων φθονηθεὶς ἐπὶ σοφίᾳ.

Empedocles, Pythagoras himself, and Democritus associated with magicians, and said many inspired things without being seduced by the art. Plato too went to Egypt, where he picked up much from the local prophets and priests, and mixed it into his

¹⁴ “Certainly Pythagoras, Empedocles, Democritus and Plato went overseas to learn it, going into exile rather than on a journey, taught it openly on their return, and considered it one of their most treasured secrets”.

own doctrines like a painter adding color to a sketch. Yet he was never thought a magician, even though no one attracted more jealousy because of their wisdom. (Philostr., VA, 1.2.1)

Filóstrato parece também associar a magia aos estrangeiros. No entanto, em sua tentativa de defender Apolônio das acusações de feitiçaria, ele aproxima seu personagem desses filósofos viajantes para afirmar que, embora eles também tenham viajado pela Índia, pela Pérsia e pelo Egito e tenham tido contato com práticas ditas mágicas, nenhum deles foi acusado de magia perante um tribunal, portanto, se Apolônio fez o mesmo que eles, por que apenas o homem de Tiana foi forçado a responder perante a lei por isso?

Embora Filóstrato afirme que nenhum desses filósofos foi formalmente acusado de crime de magia, e de fato não parece haver fontes que indiquem o contrário, Hubert afirma que “os grandes filósofos e os sábios da antiguidade (...), que supostamente haviam recebido a revelação das doutrinas orientais, foram considerados grandes magos e tidos como os primeiros divulgadores da arte divina” (*Op. cit.*, p. 69). Portanto, é possível que as suspeitas de magia recaíssem sobre os filósofos pela ideia de que muitas práticas filosóficas seriam de origem “oriental”: o próprio Pitágoras é associado a práticas indianas e egípcias, e Apolônio de Tiana, antes de tudo, era um viajante que notadamente teria passado pela Índia.

Fócio parece estar ciente dessa sabedoria estrangeira, pois a ressalta ao comparar os sábios indianos e etíopes:

Πολλῶ δέ φησι τοὺς Ἰνδῶν τῶν ἐν τῇ Αἰθιοπία σοφῶν προέχειν, ὅτι τέ φησι πρὸς ἀκτῖνα οἰκοῦντες ἡλίου μᾶλλον εἰσι τὴν διάνοιαν ὀξεῖς καὶ καθαροί, καὶ ὅτι καὶ χρόνῳ προήκοντες.

E diz que os indianos superaram em muitos aspectos os sábios da Etiópia, tanto porque, por habitarem próximos ao entorno do sol, são, em relação ao pensamento, mais perspicazes e puros, quanto porque também os precedem em antiguidade. (Phot. *Bibl.*, 44, 9b.30-33)

Ao relatar primeiro as viagens, em seguida a sabedoria dos indianos e só então afirmar que o Apolônio de Filóstrato era um filósofo pitagórico, Fócio constrói uma linha argumentativa que nem mesmo menciona magia, mostrando que as viagens do personagem principal da VA foram fundamentais para a formação filosófica – e não “mágica” - de Apolônio. Esse ceticismo é confirmado pela passagem seguinte:

Τὸν δὲ θάνατον αὐτοῦ ἄδηλόν τε καὶ πολλοῖς διαφωνούμενον λέγει γενέσθαι, αὐτοῦ ἐκείνου τοῦτο σπουδάσαντος· καὶ γὰρ καὶ ζῶντα ἐπιλέγειν ὥς δεῖ τὸν σοφὸν τοὺς πολλοὺς λαθόντα βιώσθαι, εἰ δὲ μὴ, κἂν γοῦν ἀποβιώσθαι λαθόντα· τάφον δὲ αὐτοῦ μηδαμοῦ γῆς φησιν ἐγνῶσθαι.

E diz que a morte dele foi obscura e também que muitos divergem (sobre ela), pois ele mesmo se esforçou por isso: e que de fato também escolheu viver como o sábio necessita, estando oculto para muitos enquanto vive, do contrário, igualmente neste caso, permanecendo oculto quando deixa de viver; e diz que o túmulo dele não é conhecido em lugar nenhum da terra. (Phot. *Bibl.*, 44, 9b.38-10a.1)

A morte de Apolônio de Tiana é envolta em mistério. Na narrativa de Filóstrato (VA, 8.5.3), após ser inocentado em seu julgamento, Apolônio faz um discurso alegando sua imortalidade e desaparece na frente de todos. Ao final da VA (8.29), somos informados de que há muitas versões sobre sua morte e que nem mesmo se sabe se ele morreu, informação que Fócio não deixa passar: “o túmulo dele não é conhecido em lugar nenhum da terra”. No entanto, o patriarca não acredita que o tianeu ainda caminhe pela Terra, mas sim que ele se esforçou para ocultar sua morte.

Em 8.28 na VA, lemos: ““λάθε βιώσας¹⁵, εἰ δὲ μὴ δύναιο, λάθε ἀποβιώσας’ / ‘Live unobserved, but if you cannot, leave this life unobserved’”, frase que Fócio reproduz quase literalmente referindo-se a ela como o modo de vida do sábio. Assim, portanto, o dito mistério que permeou não só a vida, mas também a morte de Apolônio seria proposital, já que é próprio do sábio ocultar-se. E não só sua morte foi fruto de seu modo de vida, mas também todos os feitos que lhe são atribuídos. Fócio cita alguns, começando por seu desapego a bens materiais:

Λέγει δὲ αὐτὸν μάλιστα χρημάτων κρείττω γενέσθαι, ὥς καὶ τὴν κτῆσιν αὐτοῦ τῷ τε ἰδίῳ ἀδελφῷ καὶ ἑτέροις καταλιπεῖν καὶ παρὰ μηδενὸς τῶν ὑπ’ ἐξουσίαις, καίτοι πολλὰ ἀξιούντων, πεισθῆναι λαβεῖν χρήματα.

E diz que ele era superior às maiores riquezas, de modo a deixar o seu patrimônio tanto ao seu próprio irmão, quanto a outros, e que por nenhum dos poderosos, embora merecesse muito, foi convencido a receber dinheiro. (Phot. *Bibl.*, 44, 10a.1-5)

¹⁵ Máxima epicurista. Sobre a máxima, cf. ROSKAM, Geert. **Live Unnoticed (λάθε βιώσας)**: On the vicissitudes of an Epicurean Doctrine. Leiden: Brill, 2007. Sobre a relação entre epicurismo e a obra de Filóstrato, cf. GROSSARDT, Peter. Philostr. VA 8,31 und die Frage nach der epikureischen Prägung des *Corpus Philostrateum*. **Würzburger Jahrbücher für die Altertumswissenschaft**, vol. 38, pp. 5-37, 2014.

Aqui Fócio referencia diretamente a passagem 8.7.11 da VA, a qual analisei em minha dissertação¹⁶. Apolônio de Tiana, no que Filóstrato afirma ter sido um texto apologético deixado pelo biografado a fim de se defender mais amplamente das acusações que lhe foram imputadas durante o julgamento, se defende, basicamente, contra a acusação de que seria um feiticeiro. Para tanto, um de seus argumentos é o de que nunca cobrou por suas práticas e vivia na pobreza. Diz ele em diálogo imaginado com Domiciano:

“Τίνα οὖν, ὦ βασιλεῦ, πλοῦτον περὶ ἡμᾶς ἰδὼν ψευδοσοφίαν ἐπιτηδεύειν με οἶει, καὶ ταῦτα τοῦ σοῦ πατρὸς κρείττω με ἡγουμένου χρημάτων; ὅτι δ’ ἀληθῆ λέγω, ποῦ μοι ἡ ἐπιστολὴ τοῦ γενναίου τε καὶ θείου ἀνδρός; ὅς με ἐν αὐτῇ ἄδει τὰ τε ἄλλα καὶ τὸ πένεσθαι. Ἀυτοκράτωρ Οὐεσπασιανὸς Ἀπολλωνίῳ φιλοσόφῳ χαίρειν. εἰ πάντες, Ἀπολλώνιε, κατὰ ταῦτά σοι φιλοσοφεῖν ἤθελον, σφόδρα ἂν εὐδαιμόνως ἔπραττε φιλοσοφία τε καὶ πενία· φιλοσοφία μὲν ἀδεκάστως ἔχουσα, πενία δὲ αὐθαιρέτως.

“What wealth do you see in me that makes you think I practice false learning, specially when your own father thought me superior to money? To prove that what I say is true, where is the letter from that excellent and inspired man? He extols me in it for poverty among other things. “The emperor Vespasian greets the philosopher Apollonius. If everyone were willing to be a philosopher of your kind, Apollonius, it would be well both for philosophy and for poverty, since philosophy would be incorruptible and poverty voluntary. (Philostr., VA, 8.7.11)

Caso Apolônio fosse um mago, ele cobraria por seus serviços. O fato de que teria servido ao imperador sem cobrar um centavo torna sua prática desinteressada, argumento que a favorece enquanto filosofia e não feitiçaria.

Em seguida, Fócio cita a previsão da praga de Éfeso: “Φησὶν αὐτὸν τὸν ἐν Ἐφέσῳ λοιμὸν καὶ προῖδεῖν καὶ γεγονότα παῦσαι. / Diz que ele também previu a praga em Éfeso e fez cessar o acontecimento” (Phot. *Bibl.*, 44, 10a.5-6). Na VA esse trecho ocorre durante o julgamento:

τρίτον ἦρετο ὑπὲρ τοῦ ἐν Ἐφέσῳ λοιμοῦ “πόθεν γὰρ” ἔφη “ὀρμώμενος ἢ τῷ ξυμβαλλόμενος προεῖπας τῇ Ἐφέσῳ νοσήσειν αὐτούς;” “λεπτοτέρᾳ,” εἶπεν “ὦ βασιλεῦ, διαίτη χρώμενος πρῶτος τοῦ δεινοῦ ἡσθόμην· εἰ δὲ βούλει, λέγω καὶ λοιμῶν αἰτίας.”

Em terceiro lugar, o imperador perguntou sobre a peste de Éfeso: “pois partindo de onde”, disse, “ou se deparando com o quê, você advertiu em Éfeso que eles mesmos estavam prestes a ficar doentes?” “Dispondo de um regime mais leve, senhor”,

¹⁶ Na dissertação, utilizo este trecho a fim de refletir sobre a influência cínica no comportamento do Apolônio de Filóstrato. cf. PEREZ, 2023, p. 32.

respondeu, “fui o primeiro a perceber o perigo: e se quiser, digo também a origem das pestes”. (Philostr., VA, 8.5.1)

Em minha dissertação, faço uma longa discussão acerca do que seria esse “regime mais leve” (λεπτοτέρῃ διαίτῃ). No entanto, para o que aqui apresento como argumento de Fócio, ressalto apenas dois pontos principais. O primeiro deles diz respeito ao que significa regime nesse contexto. Δίαίτα, conforme indica Chantraine (1999, p. 276), possui duas categorias de empregos: uma médica, outra política. Considerando-se o sentido médico, ele significa “modo de vida indicado pelo médico”. Embora esteja ligado também à alimentação, não se restringe a ela, podendo também incluir quaisquer outras práticas, notadamente exercícios físicos, mas também morais e religiosos.

O segundo ponto diz respeito aos benefícios que esse modo de vida pode trazer. Por seguir um determinado modo de vida, o Apolônio da VA é capaz de diversos feitos fantásticos. Para listar apenas os elencados por Fócio no código 44, temos, além da previsão da praga de Éfeso, o reconhecimento do rei no leão: “Καὶ λέοντα δὲ ἰδεῖν, καὶ εἰπεῖν ὡς ἡ τοῦ Ἀμάσιδος τοῦ Αἰγυπτίων βασιλέως ψυχὴ ἐν τῷ θηρίῳ εἴη, ὑπέχουσα δίκην τῶν βεβιωμένων· / E também que viu um leão e disse que a alma de Âmasis, o rei do Egito, estaria na fera, prestando contas de sua vida;” (Phot. *Bibl.*, 44, 10a.6-9). Na VA essa cena está em 5.42, quando Apolônio encontra um leão no Egito que era muito manso, andava de coleira, jamais lambia sangue ou atacava quem quer que fosse e comia apenas bolos de mel, pão, frutas secas e carne cozida:

“δεῖταί μου” ἔφη “ὁ λέων ἀναδιδάξει ὑμᾶς, ὅτου ἀνθρώπου ψυχὴν ἔχει· ἔστι τοίνυν Ἀμασις οὗτος, ὁ βασιλεὺς Αἰγύπτου <τῆς> περὶ τὸν Σαίτην νομόν.” Ἐπεὶ δ’ ἤκουσεν ὁ λέων ταῦτα, ἀνεβρυχήσατο ἐλεεινὸν καὶ θρηνῶδες καὶ ὠλοφύρατο ξυνοκλάσας, δάκρυα ἰεῖς αὐτά.

“The lion is begging me to tell you whose human soul it has. Well, this is Amasis, the king of Egypt in the Saite district.” When the lion heard this, it gave a pathetic, mournful roar, and collapsed in sobs, shedding actual tears. (Philostr., VA, 5.42.1-2)

No contexto do modo de vida pitagórico, essa cena traz imediatamente outra à tona: o primeiro fragmento acerca de Pitágoras do qual temos notícia: “E conta-se que passava [Pitágoras] ao ser castigado um cachorrinho; sentiu piedade e pronunciou as seguintes palavras: ‘Para de bater. Pois é a alma de um amigo meu, que reconheci ao ouvir os seus

gemidos” (XENÓFANES *apud* CORNELLI, 2013, p. 254). Em minha dissertação, argumento que Filóstrato constrói um paralelo entre Pitágoras e Apolônio de Tiana. A fim de não me distanciar muito do texto fociano em si, não discutirei essas semelhanças em detalhes. No entanto, trago ambas as cenas, pois Fócio afirma que o Apolônio de Filóstrato segue uma filosofia pitagórica e em breve explicitarei melhor como isso se dá.

O próximo benefício do regime pitagórico de Apolônio elencado por Fócio é mais um reconhecimento: “καὶ Ἐμπουσάν ἐλέγξει ἐν ὑποκρίσει ἐταίρας ἑρᾶν Μενίππου προσποιουμένην· / e que acusou Empusa de, no papel de uma hetera, estar fingindo que amava Menipo;” (Phot. *Bibl.*, 44, 10a.9-10). Curiosamente, se no caso do leão do Egito, o animal se recusava a lambear sangue, no caso da Empusa, espectro de Hécate semelhante a um vampiro, ela desejava beber o sangue de Menipo (Philostr., VA, 4.25). Em ambos os casos, Apolônio pôde perceber as verdadeiras naturezas disfarçadas sob ilusões: o homem disfarçado de fera e o monstro disfarçado de mulher.

Fócio cita também a ressuscitação de uma menina em Roma e a libertação de correntes – habilidade pela qual Apolônio era comumente reconhecido. Por fim, Fócio reconta o final do julgamento do tianeu:

καὶ ἀπολογήσασθαι μὲν πρὸς Δομιτιανὸν ὑπὲρ τε αὐτοῦ καὶ Νερούα, ὃς μετὰ Δομιτιανὸν Ῥωμαίων ἐβασίλευσεν, ἀφανισθῆναι δὲ μετὰ τὴν ἀπολογίαν τοῦ δικαστηρίου καὶ πρὸς Δημήτριον καὶ Δάμιν, οὕτω καὶ συνθέμενον αὐτοῖς, παραγενέσθαι, οὐ διὰ χρόνου, παραντίκα δέ, καίτοι ὁδὸν ἡμερῶν τινῶν διεστηκότας.

e que, ao passo que defendeu frente a Domiciano tanto a si mesmo quanto a Nerva - que após Domiciano reinou em Roma -, também desapareceu do tribunal após a defesa e foi para junto de Demétrio e Damis, assim também em acordo com eles, não ao longo de um tempo, mas imediatamente, embora um caminho de alguns dias os separasse. (Phot. *Bibl.*, 44, 10a.12-18)

Conforme já mencionado, a morte de Apolônio é envolta em mistério e Fócio atribui seu caráter oculto a um desejo do próprio Apolônio, tendo em vista que ele seria um sábio. Tanto que Fócio diz que após o desaparecimento no tribunal, Apolônio foi para junto de Demétrio e Damis, conforme previamente combinado com eles – muito embora isso não esteja explicitado dessa forma na VA. Percebe-se, portanto, uma grande racionalização da história de Apolônio que de fato se alinha com a própria narrativa de Filóstrato, conforme é resumido na frase seguinte do códice 44:

Ταῦτα μὲν περὶ αὐτοῦ ἀναπλάττει, οὐ μέντοι γε ὥς εἴη τελεστής, εἴ τινα διετελέσατο τῶν ἐνίοις διαθρυλλουμένων ὑπ’ αὐτοῦ πεποιῆσθαι τελεσμάτων· φιλοσοφία δὲ καὶ βίου καθαρότητι, καὶ ἅπερ αὐτὸς ἔφησεν, ἐκεῖνον εἰσάγει διαπεπράχθαι· ἀπεχθάνεσθαι δὲ μᾶλλον μάγοις καὶ φαρμακοῖς, μὴ ὅτι γε αὐτὸν τῇ μάγῳ προσανακεῖσθαι τέχνῃ.

De fato [Filóstrato] inventa essas coisas sobre ele, embora certamente não porque [Apolônio] seria um iniciador aos mistérios - se é que levou a termo algum dos ritos sobre os quais entre alguns se espalham rumores de que teriam sido praticados por ele -, mas o representa como resultado, e assim ele diz, de filosofia e pureza de vida; e (o representa) odiando sobretudo magos e envenenadores, de maneira nenhuma se dedicando ele mesmo ao ofício de mago. (Phot. Bibl., 44, 10a.18-24)

Finalmente Fócio utiliza a palavra mago (μάγοις). Conforme discutido no início deste comentário, a ideia de que Apolônio não seria um mago está presente desde o momento em que Fócio reveste de filosofia a viagem à Índia. Ao dizer que o Apolônio de Filóstrato não era um iniciador aos mistérios (τελεστής), mas sim resultado de uma vida filosófica, Fócio chega a mesma conclusão que eu cheguei durante a minha dissertação. Qualquer feito extraordinário de Apolônio na VA não é senão benefício de seu modo de vida pitagórico.

Discutir o que seria pitagorismo é complexo, sendo impossível encontrar uma única resposta que faça jus às práticas de Pitágoras de fato. Muito se discute, de maneira por vezes análoga a Homero, a “questão pitagórica”. Sobre isso, lembra Burkert que “as aparentes fontes primárias, escritos de Pitágoras e seus pupilos, alguns dos quais estão preservados enquanto outros nos são conhecidos por referência secundária, são com pouquíssima exceção inquestionavelmente apócrifas”¹⁷ (1972, p. 9).

Além disso, há a “expansão da tradição”, conceito de Zeller que Cornelli relembra: “com o passar do tempo, em lugar de diminuir, as informações sobre Pitágoras e o pitagorismo aumentaram” (CORNELLI, 2013, p. 248). E uma das razões para esse aumento está, como nos lembra Riedweg, na sobreposição entre fontes pitagóricas e platônicas: “A herança pitagórica genuína foi cada vez mais revestida com ideias platônicas, o que em retrospecto torna impossível decidir com certeza se elementos individuais da transmissão

¹⁷ Tradução minha: “The apparent primary sources, writings of Pythagoras and his pupils, some of which are preserved while others are known to us through secondary reference, are with very slight exception unquestionably apocryphal”.

realmente apontam para o próprio Pitágoras ou se originaram com Platão.”¹⁸ (2013, p. 51) Como também nos lembra Burkert, “‘Platão e os pitagóricos’ – sua relação mútua é de fato o problema central de qualquer investigação sobre Pitagorismo”¹⁹ (*Op. cit.*, p. 8). Ainda segundo Burkert:

A lenda de Pitágoras é atestada antes do quarto século a.C. e ao menos parte dela é bem conhecida; mais ainda, ela é distinta da interpretação platonizante corrente na Academia, que faz de Pitágoras um duplo do próprio Platão. (...) Finalmente, então, com figuras como Apolônio de Tiana e Alexandre de Abonútico, o milagreiro reaparece na realidade; tal atividade é certamente “tardo-antiga”, mas ela revive padrões clássicos.”²⁰ (*Ibid.*, p. 146)

Dessa forma, compreender as práticas pitagóricas por meio de Apolônio de Tiana pode revelar um pitagorismo menos platonizado e mais próximo de uma filosofia prática pautada em exercícios diários. Assim, a filosofia, de maneira diferente de como costumamos pensar modernamente, não era apenas uma interrogação no âmbito do pensamento, mas também aliada à prática de exercícios que permitiriam ao sujeito chegar à verdade não apenas por meio da interrogação mental, mas por meio de práticas de efetiva modificação do sujeito.

Os estoicos, por exemplo, declaram-no explicitamente: para eles, a filosofia é um “exercício”. A seus olhos, a filosofia não consiste no ensino de uma teoria abstrata, ainda menos na exegese de textos, mas numa arte de viver, numa atitude concreta, num estilo de vida determinado, que engloba toda a existência. O ato filosófico não se situa somente na ordem do conhecimento, mas na ordem do “eu” e do ser (HADOT, 2014, p. 22).

Hadot também nos lembra o paralelismo entre exercícios físicos e espirituais na Antiguidade: “é no *gymnasion*, isto é, no local em que se praticavam os exercícios físicos, que também se dão as lições de filosofia, isto é, que se praticava o treinamento na ginástica espiritual” (*Ibid.*, p. 56). Dessa forte ligação entre treinar o corpo e a mente, a palavra ὄσκησις, inicialmente significando “exercício”, passa a significar “modo de vida” e para

¹⁸ Tradução minha: “The genuine Pythagorean heritage was increasingly overlaid with Platonic ideas, which in retrospect makes it virtually impossible to decide with certainty whether individual elements of the transmission indeed go back to Pythagoras himself or rather originated with Plato”.

¹⁹ “‘Plato and the Pythagoreans’ – their mutual relationship is in fact the central problem of any historical investigation of Pythagoreanism”.

²⁰ “The Pythagoras legend is attested for the fourth century B.C., and at least part of it was well known; what is more, it is distinct from the Platonizing interpretation current in the Academy, which made Pythagoras a doublet of Plato himself. (...) Finally, then, with figures like Apollonius of Tyana and Alexander of Abonuteichus, the wonder-worker reappears in reality; such activity is to be sure ‘late antique,’ but it revives preclassical patterns”

compreender esses exercícios, nenhum exemplo superaria o dos pitagóricos. Segundo Cordero, “os pitagóricos foram um autêntico paradigma nesse sentido e a fórmula ‘modo de vida pitagórico’ chegou a ser um verdadeiro clichê” (2011, p. 69). Assim, observemos como Pitágoras é retratado na VA:

οἱ τὸν Σάμιον Πυθαγόραν ἐπαινοῦντες τάδε ἐπ’ αὐτῷ φασιν· ὡς Ἴων μὲν οὐπω εἶη, γένοιτο δὲ ἐν Τροίᾳ ποτὲ Εὐφορβος, ἀναβιοίη τε ἀποθανών, ἀποθάνοι δέ, ὡς ᾧδαι Ὅμηρου, ἐσθῆτά τε τὴν ἀπὸ θνησειδίων παραιτοῖτο καὶ καθαρεῖοι βρώσεως, ὀπόση ἐμψύχων, καὶ τοῦ θῦσαι μὴ γὰρ αἰμάττειν τοὺς βωμούς, ἀλλὰ ἢ μελιττοῦτα καὶ ὁ λιβανωτὸς καὶ τὸ ἐφυμνήσαι, φοιτᾶν ταῦτα τοῖς θεοῖς παρὰ τοῦ ἀνδρὸς τούτου, γινώσκειν τε, ὡς ἀσπάζονται τὰ τοιαῦτα οἱ θεοὶ μᾶλλον ἢ τὰς ἐκατόμβας καὶ τὴν μάχαιραν ἐπὶ τοῦ κανοῦ.

Os admiradores de Pitágoras de Samos falam deste modo sobre ele: que ao passo que não é de maneira alguma da Jônia, nasceu Euforbo em Troia no passado; voltou à vida depois de ter morrido; morreu, conforme os cantos de Homero; e evita roupa feita de animal morto assim como se mantém limpo de comida, desde que ela tenha alma, e de sacrificar: pois (dizem) que não cobre de sangue os altares, mas que o bolo de mel, o incenso e o entoar cantos, essas coisas vão e vêm frequentemente para os deuses da parte desse homem, e que ele sabe que os deuses prezam essas coisas mais do que as hecatombes e a faca dentro do cesto sacrificial. (Philostr., VA, 1.1.1)

Nesse primeiro parágrafo, que relata os hábitos de Pitágoras, estão resumidos também os do Apolônio de Tiana segundo Filóstrato, especialmente a metempsicose e a abstinência de carne. Acerca da metempsicose, Empédocles: “reconhece-se diferente do seu semelhante e proclama altivamente (*Purificações*, fr. 112): ‘Eu venho a vós como um deus imortal, não já como mortal’” (MENDES, 1993, p. 203). Essa mesma citação aparece também na VA:

καὶ μὴν καὶ τὸν Ἀκραγαντῖνον Ἐμπεδοκλέα βαδίσαι φασὶ τὴν σοφίαν ταύτην. τὸ γὰρ “χαίρετ’, ἐγὼ δ’ ὕμιν θεὸς ἄμβροτος, οὐκέτι θνητός,” καὶ “ἤδη γὰρ ποτ’ ἐγὼ γενόμην κόρη τε κόρος τε,” καὶ ὁ ἐν Ὀλυμπίᾳ βοῦς, ὃν λέγεται πέμμα ποιησάμενος θῦσαι, τὰ Πυθαγόρου ἐπαινοῦντος εἶη ἄν.

They say that Empedocles of Acagras followed the same school of wisdom. His verses, “Farewell, I am an immortal god to you and no longer a mortal” and “Once I was both girl and boy”, and the ox which he is said to have made out of pastry and sacrificed at Olympia, are perhaps marks of one who followed Pythagoras’s doctrines. (Philostr., VA, 1.1.3)

Essa evolução de mortal a divino provém da doutrina da transmigração das almas, segundo a qual a ascese faria os indivíduos capazes de recordar suas vidas passadas. Enquanto o sujeito precisaria se modificar para acessar a verdade, pois ela não lhe é dada sem um movimento de conversão, o próprio acesso à verdade, explicitado nas lembranças de vidas

passadas, por si só também modifica o sujeito que, a partir desse momento passa a ter um conhecimento completo de si, tornando-se um ser superior ao que era antes, nesse sentido, um homem divino, θεῖος ἀνὴρ. Para exemplificar esse processo, Filóstrato coloca na voz de Apolônio de Tiana que, “ἀπέλαυσέ τε τοῦ καθαρὸς εἶναι πολλὰ μὲν, πρῶτον δὲ τὸ τῆς ἑαυτοῦ ψυχῆς αἰσθέσθαι / enquanto [Pitágoras] teve muitos benefícios por ser puro, o primeiro foi ter consciência de sua própria alma” (Philostr., VA, 8.7.14). Com essa consciência, Pitágoras se lembraria de suas vidas anteriores: de quando foi um guerreiro em Troia, passando por vidas não-humanas e voltando a ser homem.

Ao relatar os diversos feitos de Apolônio na VA, especialmente os reconhecimentos do rei e da Empusa, e atribuí-los a um modo de vida filosófico – notadamente pitagórico, Fócio demonstra reconhecer na obra de Filóstrato essa ética pitagórica. Não à toa, encerra sua resenha reclamando dos pontos da obra que considera “absurdas e inacreditáveis” (παραλογώτατα καὶ ἀπιστότατα): os relatos sobre os indianos e seus feitos fantásticos. No entanto, embora considere tudo o que Filóstrato diz a esse respeito ao longo dos oito livros da VA como “trabalho inútil” (ματαιοπονίας), a figura de Apolônio não é afetada por esse julgamento.

CONCLUSÃO

Conclui-se, portanto, que estilisticamente, a VA agradou a Fócio. Seu elenco de temas da obra escolhido para figurar em sua resenha começa e termina com os indianos. No início, para celebrar a sabedoria desse povo e o tanto que o Apolônio de Filóstrato parece ter aprendido com ele e, no final, para reforçar que quaisquer relatos extraordinários sobre eles não passam de besteira. Isso se dá pela rejeição do patriarca à ideia de que o personagem da VA seria um mago, rejeição essa que de fato é reiterada pelo próprio Filóstrato ao longo da obra.

Fócio, assim como Filóstrato, ressalta o caráter ascético do Apolônio filostratiano frisando sua pobreza voluntária e seu desejo de manter-se oculto – embora a fama ainda assim o tenha perseguido. Seus feitos extraordinários – se é que ocorreram – não são senão resultado de um modo de vida pitagórico marcado por uma rotina ascética e não possuem nenhuma relação com magia.

Como planos futuros, pretendo traduzir o códice 241 da *Biblioteca*, que também trata da VA e, se possível, comparar os dois textos a fim de entender melhor não só o que Fócio pensava da VA, mas também com objetivo de compreender melhor a própria obra de Fócio: por que separar em dois códices a resenha da mesma obra? Isso ocorre com outras obras resenhadas na *Biblioteca* e entender esse processo pode ser importante para entender a composição geral do livro.

REFERÊNCIAS

FONTES PRIMÁRIAS

CLEMENTE DE ALEXANDRIA; SANTOS, Rita de Cássia Codá dos. **Exortação aos gregos**. São Paulo: É Realizações, 2013;

FOZIO; BIANCHI, Nunzio; SCHIANO, Claudio (eds.). **Biblioteca**. Bari: Edizioni della Normale, 2019. 2 vols. Edição bilíngue;

PHILOSTRATUS; JONES, Christopher P. **Apollonius of Tyana**. Cambridge (MA); Londres: Harvard University Press, 2006. 3 vols. Edição bilíngue;

PHOTIUS; HENRY, René. **Bibliothèque**. Paris: Les Belles Letres, 1959. Collection Byzantine. vol. I. Edição bilíngue;

PLINY; JONES, W. H. S. Book XXX. In: _____. **Natural History**. vol. VIII. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press; Londres: William Heinemann, 1963. Disponível em <<https://archive.org/details/naturalhistory08plinuoft/page/n5/mode/2up?view=theater>>. Acesso em 22 ago. 2021.

REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS

BURKERT, Walter. **Lore and Science in Ancient Pythagoreanism**. Trad. Edwin L. Minar Jr. Cambridge, Massachussets: Harvard University Press, 1972;

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grecque**. Histoire des mots. Paris: Klincksieck, 1999;

CORDERO, Néstor Luis. **A invenção da filosofia**. Trad. Eduardo Wolf. São Paulo: Odysseus, 2011;

CORNELLI, Gabriele. A Vida de Pitágoras de Diógenes Laércio: questões sobre a recepção do pitagorismo no período imperial. In: LEITÃO, Delfim; CORNELLI, Gabriele; PEIXOTO, Miriam C. (coords.). **Dos homens e suas ideias**: estudos sobre as *Vidas* de Diógenes Laércio. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. pp. 247-265;

DVORNIK, Francis. Conclusion. In: _____. **The Photian Schism**. History and Legend. Cambridge: Cambridge University Press, 1970;

GATTI, Ícaro Francesconi. **A Crestomatia de Proclo**: Tradução integral, notas e estudo da composição do códice 239 da *Biblioteca* de Fócio. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2012;

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Trad. Flavio Fontenelle Loque; Loraine Oliveira. São Paulo: É, 2014;

HUBERT, Henri. **A magia no mundo greco-romano**. Trad. Rafael Faraco Benthien; Guilherme Gontijo Flores. São Paulo: Edusp, 2021;

JONES, Christopher P. Apollonius of Tyana's Passage to India. **Greek, Roman, and Byzantine Studies**, vol. 42, 2001, p. 185-199;

MENDES, João Pedro. Da magia na Antiguidade. **Humanitas**, vol. 45, pp. 199-212, 1993;

RIEDWEG, Christoph. Approaching Pythagoras of Samos: Ritual, Natural Philosophy and Politics. In: CORNELLI, Gabriele; MCKIHARAN, Richard; MACRIS, Constantinos (eds.). **On Pythagoreanism**. Göttingen: De Gruyter, 2013. pp. 47-58;

SILVA, Semíramis Corsi. Uma mulher síria como imperatriz romana: considerações sobre elementos do poder e da identidade cultural de Júlia Domna (século II EC). **Hélade**, v. 4, n. 1, 2018, pp. 32-55;

TREADGOLD, Warren. External Gains, 842-912. In: _____. **A history of the Byzantine State and Society**. Stanford: Stanford University Press, 1997. cap. 14;

WILSON, N.G. Photius. In: _____. **Scholars of Byzantium**. Londres: Gerald Duckworth & Co; Cambridge, Mass.: The Medieval Academy of America, 1996. cap. 5.